A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 46 Outubro de 1970 Ano VII

IMAGEM DA DITADURA

Os governantes estão cada vez mais emaranhados nas providências e na manipulação de "provas" com que procuram desfazer a imagem do govêrno que está sendo conhecida no exterior. Do grau de preocupação de que estão possuídos os militares no Poder, diz bem o fato de que o próprio ditador de turno, o general Médici, não perde oportunidade de falar sôbre a imagem do Brasil a qualquer platéia que queira ou seja obrigada a ouví-lo. O mesmo comportamento têm seus auxiliares diretos e seus porta-vozes.

Afirmam os arautos da ditadura e a imprensa dirigida, que o govêrno está enfrentando o desafio de uma guerra total. Segundo êles, é hora de começar a ganhar esta guerra. Confissão clara de que a estão perdendo.

Somas fabulosas são gastas numa ruidosa propaganda, feita no país e no exterior, para "retificar a imagem do Brasil", imagem que estaria sendo destorcida "pela ação de alguns comunistas", como assevera o govêrno. Discute-se como explorar melhor a diplomacia, aproveitando-se os pendores de "fina sensibilidade política" do antigo integralista e atual ministro do Exterior. Procura-se utilizar o feito da seleção brasileira de futebol na última Copa do Mundo e os festivais da canção popular, para afirmar-se que tudo vai bem no Brasil, que "ninguém segura êste país" e outras tolices próprias dos regimes fascistas. Ao mesmo tempo, os militares exercem severa censura sôbre a imprensa, temerosos de que algo possa escapar pela malha fina da rêde que lançaram sôbre os meios de divulgação.

Nada disso, porém, pode impedir que a verdadeira face do regime vigente no país seja conhecida. As providências governamentais estão muito longe de abafar o clamor dos protestos que denunciam as barbaridades cometidas contra homens, mulheres e até crianças, contra sacerdotes, estudantes, advogados no exercício de sua profissão, jornalistas e todos aquêles que caem nas garras das fôrças repressivas da ditadura.

Como é mais fácil pegar-se um mentiroso do que um côxo, as mentiras da ditadura são diàriamente negadas pelos fatos. Enquanto os Buzaid, Sodré, Flávio Marcílio, Dom Sigaud, Passarinho e outros vão dizer no exterior que no Brasil não há torturas e sequer presos políticos, vozes de protesto se fazem ouvir por tôda parte, condenando os crimes da ditadura. O promotor público que investiga os crimes do "Esquadrão da Morte" em S.Paulo, por exemplo, afirmou que "no sistema atual, a investigação policial se resume à prisões indiscriminadas e à utilização em larga escala de sevícias e torturas para conseguir confissões". E, mais ainda, que "as técnicas de investigação se resumem a prisões indiscriminadas, ao pau-de-arara e aos choques elétricos" aplicados aos encarcerados, aos montões, nas masmorras medievais paulistas. Em carta dada a público, o padre Callegari, prêso em S. Paulo, e os detidos na ilha das Flôres, denunciam torturas cometidas contra prisioneiros da ditadura e declararam-se em greve de fome, em sinal de protesto. São amplamente conhecidos os fatos relacionados com sacerdotes presos no Maranhão, acusados diretamente pelo general Walter Pires, diretor da Polícia Federal, que afirmou ter provas de serem os mesmos subversivos. Um dos sacerdotes foi bàrbaramente torturado. Os religiosos foram absolvidos pela Justiça Militar, que não encontrou provas de sua culpabilidade. São públicas e notórias as arbitrariedades cometidas contra militantes da JOC, sacerdotes e leigos, inclusive a detenção do secretário-geral da CNBB. Três moças que conseguiram ordem de libertação do STM foram sequestradas por oito homens armados de metralhadoras ao transporem os portões do Presídio de Bangu, sob as vistas de suas mães, de seu advogado e,

Leia neste número: Crise do Ensino e da Cultura | Importante Lição

inclusive da guarda daquele estabelecimento. Embora todos saibam tratar-se de mais um "feito militar", até agora as autoridades se negam a revelar o paradeiro das jovens. Muitos outros fatos são conhecidos no país e no exterior e, por vêzes, chegam a transpirar na imprensa, como o do jovem Marcos Arruda, filho de uma funcionária do Departamento de Estado norte-americano, que se encontra paralítico e sem fala devido aos maltratos sofridos.

É por causa dessa seqüência de crimes, que não podem ser mantidos em sigilo, malgrado os esforços dos governantes, que os atuais dirigentes do país são justamente apontados no país e no exterior como carrascos e assassinos, torturadores frios do povo brasileiro. Não é, pois, de estranhar que o velho integralista Buzaid, com tôdas as suas credenciais de ministro da Justiça, tenha sido impedido pelos estudantes alemães de destilar em Bonn sua peçonha. Os apupos e os gritos de "assassinos" com que foi recebida na Holanda a delegação brasileira à Conferência Interparlamentar e as manifestações de massa em vários países contra as prisões e as arbitrariedades do govêrno expressam, no conjunto, a imagem verdadeira que os povos do mundo têm do Brasil sob o domínio dos militares fascistas.

Não será com a publicação dum "livro branco",traduzido em vários idiomas, nem tampouco com a ação dos "explicadores" que saem a todo momento do Brasil para traçar um quadro otimista do país, que os militares e os reacionários conseguirão empulhar a opinião pública mundial. A ditadura militar, cujo expoente máximo no momento, Garrastazu Médici, disse há pouco que "..o povo vai mal", deve reconhecer que também a imagem do Brasil vai muito mal. É a imagem real de uma ditadura militar-fascista que aplica os mais desumanos métodos de repressão para tentar conter pela fôrça as lutas crescentes do povo brasileiro.

A obcessão dos militares quanto à sua imagem é um sinal de fraqueza, de seu isolamento crescente no país e no exterior. O povo responde com atos de rebeldia à guerra que lhe foi declarada pelos militares fascistas.E esta guerra será inevitàvelmente ganha pelo povo, que derrubará a ditadura militar e o regime que a engendrou e conquistará um govêrno efetivamente popular e revolucionário.

POVO REPUDIA FARSA ELEITORAL

Às vésperas das "eleições", governistas e "oposicionistas" se unem na ingrata tarefa de convencer o povo a votar. Demagogia, pressões e ameaças são utilizadas em larga escala. Todos sèriamente preocupados com o que denominam "apatia popular" ante a farsa eleitoral montada pelos militares.

O povo deseja votar, eleger livremente seus governantes. A realização de eleições livres é parte do programa da oposição popular. O que o povo repudia são "eleições" como as que a ditadura militar promove,em que a palavra dos candidatos que escaparam ao fichário "depurador" do SNI é cassada pelo simples fato de mencionarem o nome de D. Hélder ou de afirmarem que não há liberdade no Brasil; em que o poder do dinheiro e as pressões políticas são usadas à larga e levam à desistência de candidatos já registrados. O povo deseja eleições livres, sem tutela dos militares e de políticos fascistas. E, para isso, é condição indispensável a derrocada da camarilha militar que hoje domina o Poder.

O escorraçamento de que foi alvo o governador "eleito" do Rio Grande do Norte, expulso a pedradas de um comício pelo povo enfurecido,dá bem a medida do que ocorrerá em 15 de Novembro, coroamento da farsa com que os militares pensam encobrir com uma fôlha de parreira a nudez de sua dominação despótica. Centenas de milhares de eleitores escreverão nas cédulas "Abaixo a ditadura!" e outras palavras-de-ordem.

PROFESSÔRAS MINEIRAS: EXEMPLO DE LUTA

As professoras primárias e secundárias de Itajubá entraram em greve pelo pagamento de seus vencimentos em atraso. Apavorado, o govêrno remeteu numerário e assumiu o compromisso de pôr em dia os vencimentos daquelas funcionárias. Há pouco, cêrca de 300 professôras de Pedro Leopoldo se dirigiram, em ônibus, a Belo Horizonte para exigir o pagamento de vencimentos. Diante da negativa do governador em recebê-las,declararam que deixariam de dar aulas. O exemplo das professôras mineiras demonstra que só mediante a greve são atendidas suas reivindicações.

TRANSAMAZÔNICA: PROPAGANDA E REALIDADE

Cercado por ruidosa propaganda e acompanhado de pomposa comitiva e das sempre presentes "medidas de segurança", o general Médici visitou a Amazônia. Usando de sua literatura barata, deitou falação por tôda parte. Prometeu mundos e fundos e chegou ao desplante de declarar-se nacionalista. Ao mesmo tempo, seus auxiliares anunciaram uma série de medidas para a "redenção" do território amazônico. A construção da Transamazônica, considerada a obra prioritária do atual govêrno, mais uma vez foi apresentada como panacéia capaz de curar todos os males do país. A tônica dos pronunciamentos é de que se trata de integrar a Amazônia para não entregá-la. Assim, Garrastazu tenta posar de patriota.

A realidade, no entanto, é bem outra. Não só a construção da estrada não visa à redenção da Amazônia e dar solução para os problemas dos camponeses nordestinos vítimas da sêca e do latifúndio, como tampouco se trata de defender grande parte do território brasileiro da cobiça dos trustes internacionais, particularmente norte-americanos.

Além das negociatas que se realizam à sombra das obras que ali se constroem, um dos objetivos da rodovia é, sem dúvida, servir aos trustes estrangeiros, principalmente norte-americanos que já dominam amplas áreas da região, e aos latifundiários. O grupo da ICOMI, ligado à empresa ianque Bethlem and Steel, por exemplo, controla tôda a atividade econômica do território do Amapá, desde a exportação de manganês até a única estrada de ferro ativa aí existente. É, ainda, proprietário de uma fábrica de compensados de madeira, e de uma companhia de pesquisa e desenvolvimento. A United States Steel, também americana, obteve a concessão para explorar as ricas jazidas de minério da serra dos Carajás. Cada uma dessas jazidas (são duas), têm reservas de minérios superiores às do quadrilátero ferrífero de Minas Gerais, considerado um dos mais ricos do mundo. Mas as emprêsas estrangeiras não se limitam à exploração de minérios. Seus interêsses são mais amplos. A Westinghouse, associada ao grupo paulista Pereira Lopes, vai construir na Zona Franca de Manaus o maior projeto industrial da região amazônica, uma fábrica de produtos eletrônicos. O King's Ranch, que tem sua sede no Texas, instalará no Pará o maior projeto de pecuária previsto no país, enquanto a Jari Comércio e Indústria, filial da National Bolk Carriers, organiza em sua propriedade de mais de 1,2 milhão de hectares a maior exploração madeireira da região.

Os latifundiários também se aproveitam da construção da rodovia para realizar vantajosos negócios. Suas terras serão supervalorizadas com a rodovia. Recorde-se que é precisamente na Região Amazônica onde os americanos compraram milhões de hectares de terras. Os maiores latifúndios do país encontram-se aí. Vinte por cento da terra encontram-se em mãos de apenas 76 pessoas, o que dá uma idéia do grau de concentração da propriedade.

Nestas condições, a fórmula propagandística da ditadura, "integrar para não entregar", é apenas uma cortina de fumaça para encobrir a entrega crescente do país ao domínio do imperialismo ianque.

Há, pois, uma grande diferença entre a propaganda e a realidade.

ALBÂNIA: REFORÇA-SE A DITADURA DO PROLETARIADO

O comparecimento em massa dos eleitores às urnas nas eleições gerais de 20 de setembro na República Popular da Albânia constitui importante fato político. Ao sufragar os nomes dos candidatos indicados pelo PTA e pela Frente Patriótica, o povo albanês deu uma profunda demonstração de apoio à política do Partido dos comunistas, encabeçado por Enver Hodja.

O povo da Albânia, sob a direção do PTA, conseguiu enormes êxitos na revolucionarização do país e na construção socialista. O plano quinquenal, no que se refere à indústria, foi cumprido com 5 meses de antededência. Na agricultura, completou-se a coletivização total. No ano em curso foram obtidas as maiores colheitas, desde a vitória da Revolução. Mesmo nas regiões montanhosas, foi garantido o auto-abastecimento. A eletrificação atingiu todo o país. Avançou a educação e a cultura do povo. Mais de 620 mil alunos freqüentam escolas em todos os níveis e se beneficiam das profundas transformações que se realizam nos métodos de ensino e nos currículos. As mulheres deram passos gigantescos na sua emancipação e marcham, ombro a ombro com os homens, na construção da nova Pátria socialista. Ao preparar-se para obter novas vitórias, ao lado dos êxitos na economia e na

SALVE O 21º ANIVERSÁRIO DA R.P. DA CHINA !

Por ocasião das comemorações do 21º aniversário da vitória da Revolução Chinesa, o CC do PC do Brasil enviou ao PC da China a seguinte mensagem:

Ao Presidente Mao Tsetung
Ao Vice-Presidente Lin Piao
Ao Comitê Central do Partido Comunista da China

Prezados camaradas,

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, expressando os sentimentos democráticos da população brasileira, saúda calorosamente o 21º aniversário da República Popular da China e felicita o glorioso povo chinês pelos notáveis êxitos alcançados sob a direção do grande Partido Comunista da China, liderado pelo destacado marxista-leninista, camarada Mao Tsetung.

Vinte e um anos após a vitória da revolução dirigida pelo proletariado, os chineses superaram o atraso secular em que viviam, construiram uma sociedade livre de tôda espécie de opressão e exploração, transformaram radicalmente nos mais diferentes aspectos a velha fisionomia do país. Os formidáveis avanços da Nova China, na economia e na cultura, na ciência e na tecnologia, comprovados pelo domínio da energia atômica e pelo lançamento do satélite artificial da Terra, despertam admiração e entusiasmo dos povos, ao mo tempo que provocam pânico nos imperialistas e nos revisionistas.

A transcendental conquista da Revolução Chinesa é, sem dúvida, a luta pela transformação ideológica das pessoas, pela revolucionarização permanente de suas consciências. Seguindo a teoria de Mao Tsetung sôbre o prosseguimento da revolução nas condições da ditadura do proletariado, a China, pela primeira vez na história da Humanidade, realiza uma revolução que modifica em profundidade, a ideologia e o comportamento do indivíduo. A Grande Revolução Cultural Proletária, iniciada e dirigida por Mao Tsetung, não só varreu os contra-revolucionários enquistados no Partido e no Estado, como lançou os fundamentos de uma nova vida e da formação do nôvo homem, liberto das influências nefastas do capitalismo e do feudalismo, imune ao egoísmo, inteiramente dedicado à causa do povo.

Na China Popular, assim, a revolução deu passos gigantescos. A construção socialista progrediu aceleradamente e os preparativos para a defesa contra qualquer ataque do inimigo atingiram elevado nível. Trilhando com firmeza o caminho indicado pela linha revolucionária do camarada Mao Tsetung e pondo em prática as importantes resoluções do IX Congresso do Partido Comunista da China, o povo chinês obtém significativas vitórias. As decisões da II Sessão Plenária do Comitê Central do Partido fortalecem ainda mais a ditadura do proletariado, intensificam a preparação para enfrentar a guerra e as calamidades naturais e conduzem a um nôvo auge o estudo vivo e a aplicação viva do pensamento de Mao Tsetung.

Cresce incessantemente o prestígio da China entre as massas populares de todo o mundo. A sua política revolucionária, em defesa da independência e da autodeterminação das nações, e o relevante papel que vem desempenhando na arena internacional fazem com que, hoje, os oprimidos e explorados dos diversos países se voltem confiantes para a grande nação socialista da Ásia. Quando os imperialistas norte-americanos e os revisionistas soviéticos se conluiam para combater a revolução e se desmascaram mais e mais diante dos povos, inclusive de seus próprios países, a China Popular vê aumentar sua influência em escala mundial. A declaração de Mao Tsetung em apoio aos povos da Indochina, "Povos de Todo o Mundo, Unâmo-nos! Derrotemos os Agressores Norte-americanos e Todos os Seus Lacaios!", repercute intensamente, é um chamamento valioso para desenvolver a luta comum contra o imperialismo ianque, constitui poderoso estímulo para os que pugnam contra a exploração e a opressão.

A República Popular da China adquire, dêste modo, melhores condições para cumprir seu papel de principal base de apoio do movimento revolucionário internacional, de maior amiga dos povos que lutam por sua libertação.

Os comunistas brasileiros que, à frente das massas populares, enfrentam corajosamente despótica ditadura e combatem com firmeza a dominação ianque, regozijam-se com os grandes êxitos do povo chinês, considera-os vitórias da revolução mundial. A Nova China é exemplo que inspira os patriotas e democratas do Brasil em sua luta pela liberdade e pela emancipação nacional, que impulsiona os revolucionários na ação contra o revisionismo contemporâneo, pela derrubada do regime militar-fascista e pela instauração de um govêrno popular revolucionário. Salve o 21º aniversário da República Popular da China!

Viva o invencível Partido Comunista da China!

Viva a amizade inquebrantável entre o PC da China e o PC do Brasil!

Panorama Internacional

A VERDADEIRA PREOCUPAÇÃO DO IMPERIALISMO

Os recentes acontecimentos da Bolívia, que culminaram com a subida do general Juan Torres ao poder, alcançam grande repercussão. Os imperialistas norte-americanos e seus porta-vozes, através de todos os meios de divulgação, procuram fazer crer que se teria instaurado, com o nôvo golpe militar, um "govêrno comunista" naquele país andino, o que, somado à vitória eleitoral do senador Allende, no Chile, e à existência do govêrno militar peruano, teria criado uma "extensa faixa dominada pelos comunistas" às margens do Pacífico.

Os detentores do Poder em Washington, primeiros a reconhecer o govêrno do general Torres, apesar de tôda a agitação que promovem, sabem que não poderão temer medidas radicais da parte dos militares bolivianos. O general que ocupa atualmente a Presidência da Bolívia foi o reorganizador do Exército daquele país, após êste ter sido destroçado pelos operários e camponeses em 1952. Durante quase todo o período do govêrno deposto, foi comandante-chefe do Exército. Ascendeu ao poder apoiado principalmente nas tropas anti-guerrilhas, as mesmas que combateram e ainda combatem os patriotas nas selvas bolivianas. Ao que tudo indica, e os fatos vêm confirmando, a máquina estatal, particularmente seu instrumento principal, as Fôrças Armadas, permanecerá intacta. É o próprio chefe do govêrno quem afirma serem estas "o instrumento de redenção do povo".

A campanha publicitária montada em tôrno do nôvo govêrno boliviano lembra a que foi realizada logo após a instauração do atual regime militar peruano. Os imperialistas ianques usaram todo tipo de pressão, chantagearam por todos os meios possíveis e, depois, aliviados com as tímidas medidas tomadas pelo govêrno do Peru, restauraram a ajuda econômica e militar a êsse país. Apóiam, inclusive, certas medidas governamentais e, particularmente, a repressão exercida pelos militares peruanos contra as massas populares. Decresce, também, o alarido em tôrno da eleição de Allende, no Chile. Êste, para obter a confirmação de sua vitória no Parlamento e assegurar sua posse, assumiu compromissos de tal ordem com outras fôrças políticas, inclusive reacionárias, que o programa com que se apresentou ao eleitorado ficou reduzido a quase nada.

No entanto, seria um êrro igualar tais governos à ditadura militar vigente no Brasil e em outros países do Continente. Preocupados com o rápido desgaste de governos dêste tipo, certos setores das classes dominantes preferem métodos de dominação mais enganosos. Expressando interêsses dêsses setores, govêrnos do tipo do peruano podem obter uma base social e política mais ampla. Ao preconizarem certas mudanças, mesmo restritas, têm possibilidades de iludir parcelas da massa e desviá-las do caminho da revolução. Levam-nas a acreditar que sua libertação pode ser conquistada com pequenas reformas patrocinadas pela burguesia nacional. O próprio presidente Nixon, ao referir-se à América Latina, preconizou o apoio ao que denominou "fôrças de reforma". A cobertura proporcionada pelos revisionistas contemporâneos, que se apressam em difundir os "feitos antiimperialistas" e dão patente de "revolucionários" a tais govêrnos, contribui para confundir parte do povo. O combate a essas ilusões é, assim, uma tarefa inadiável dos marxistas-leninistas. Só o caminho revolucionário pode, de fato, libertar os povos do Continente da dominação do imperialismo e das oligarquias.

A real preocupação do govêrno Nixon não é com os novos governos. O que tira o sono dos imperialistas ianques é o ascenso do movimento revolucionário na América Latina. As ações revolucionárias dos povos ao sul do Rio Grande fazem tremer os alicerces dos velhos e carcomidos regimes reacionários. Ao lado da luta armada que se estende a vários países, as greves e demonstrações de massa adquirem envergadura cada vez maior. A recente greve geral dos trabalhadores argentinos é uma clara demonstração de que os povos latino-americanos estão dispostos a sacudir o jugo dos seus opressores e exploradores. Sob o fogo das lutas revolucionárias, e minados por contradições internas, os govêrnos reacionários e pró-ianques do Continente vêem-se a braços com sucessivas crises políticas. Incapazes de resolver os problemas de fundo que afligem os povos, as classes dominantes apelam contìnuamente para as Fôrças Armadas, treinadas, equipadas e dirigidas pelo Pentágono, a fim de que imponham a ordem, isto é, assegurem a dominação dos monopolistas dos Estados Unidos e das fôrças reacionárias internas.

CRISE DO ENSINO E DA CULTURA

Como parte de sua ampla e generalizada cruzada demagógica, proclama a camarilha militar-fascista que está erradicando completamente os velhos problemas do ensino e da cultura no Brasil. Para efeito de apresentar sua política nefasta como "solução nova" chega mesmo a reconhecer alguns problemas dêsse setor. Tanto assim que o próprio coronel-ministro Jarbas Passarinho, demagogo inveterado, vê-se na contingência de afirmar que há no Brasil "um índice vergonhoso de analfabetismo e de evasão escolar", o "predomínio de uma didática obsoleta e de uma educação livresca" e a "ausência de profissionalização do magistério". Como se vê, o velho oficial do serviço secreto se acautela em enunciar apenas o óbvio. Ademais, conclui que a política educacional reacionária e entreguista adotada pelo govêrno é o remédio milagroso para essas e outras mazelas.

Na verdade, ocorre o inverso: sob o efeito da orientação e das medidas da ditadura, agravam-se os velhos problemas do ensino e da cultura e, além disso, surgem outros ainda maiores, concorrendo para que as massas continuem submetidas a uma situação de atraso e de ignorância que vem de séculos e a cada dia se torna mais aguda.

São raras as pessoas do povo que manifestam ilusão a respeito da propaganda da ditadura. Mesmo assim, cabe a pergunta: será isso verdade? Não estará a ditadura superando a crise ou, pelo menos, conseguindo um "desafôgo"? Para um melhor esclarecimento, basta um contato mais meticuloso com a realidade.

A característica da política da ditadura relativamente ao ensino e à cultura é o seu conteúdo antidemocrático e antinacional. Objetiva ela, fundamentalmente, salvaguardar o regime reacionário e satisfazer os planos de recolonização do país pelo imperialismo norte-americano. É idéia fixa da camarilha militar aniquilar a combatividade das massas, mantê-las na ignorância e criar no Brasil uma juventude silenciosa e submissa, incapaz de raciocinar políticamente de modo independente e despida de sentimento nacional. Uma juventude serviçal dos interêsses espúrios do imperialismo ianque e da reação.

Nesse sentido, face à tradição de luta da intelectualidade revolucionária, particularmente dos jovens, não vacila em carregar também sôbre essa camada do povo uma repressão generalizada. Essa tem sido a tônica de suas ações desde que assaltou o poder em 1964. A partir da edição do AI-5 e no govêrno do carrasco Médici, exacerbou sua fúria repressiva e vem recorrendo como nunca aos métodos atrabiliários e ao terrorismo policial. Editou o decreto fascista 477, com base no qual, sòmente no ano de 1969, expulsou de colégios e faculdades centenas de estudantes e professôres, inclusive cientistas renomados. Destruiu equipes completas de pesquisadores e reduziu a nada os últimos resquícios da autonomia universitária. As invasões policiais de escolas, as prisões de estudantes e professôres e outras ações arbitrárias adquiriram a freqüência de rotina escolar. Objetivando quebrar a capacidade de resistência da massa estudantil, proibiu o livre funcionamento de suas organizações representativas. Particularmente revelador é o fato de que quase 40% dos presos políticos existentes no país são estudantes, que, invariàvelmente, como os demais, sofreram torturas selvagens. Além do mais, intensificou o terrorismo cultural e estabeleceu a censura prévia à imprensa e aos livros e periódicos, suprimindo a liberdade de informação, de manifestação do pensamento e de criação artística.

Adepta entusiasta dos métodos fascistas, instituíu a cadeira de Moral e Cívica nos diversos níveis de ensino. Dêsse modo, elevando agentes do DOPS e oficiais das Fôrças Armadas à condição de "professôres", procura estender às salas de aula a propaganda ideológica reacionária ministrada nos quartéis. Na ânsia de alcançar seus desígnios impatrióticos, a camarilha militar arrasta o país a uma situação de terror policial sem precedente, cujo alvo principal é a juventude.

No seu zêlo refinado pelo aperfeiçoamento do aparêlho repressor, aumenta assustadoramente as verbas destinadas às Fôrças Armadas, aos organismos policiais e aos serviços de informações do govêrno. São recursos imensos, fruto do trabalho do povo, desviados para a defesa do regime reacionário. Ao mesmo tempo, reduz os gastos públicos com educação. Basta dizer que em 1965 a despesa orçamentária da União com êsse setor alcançou o índice de 11%, reduzindo-se drásticamente no orçamento previsto para 1971 para apenas 7%. Diferentemente, o índice das Fôrças Armadas elevou-se de 18% em 1965 para 21% em 1971. Os dados seriam ainda mais reveladores se levássemos em con

ta os gastos do SNI, da Polícia Federal e de outros instrumentos de repressão. A verdade é que, no Brasil, diferentemente daquilo que afirmam os porta-vozes oficiais, a despesa pública com o ensino, em relação ao orçamento total, é "inferior à de qualquer outro país da América Latina, inclusive o Haiti" (JB - 31.1.1970).

Por essa razão, também no que diz respeito às condições materiais, é simplesmente deplorável a situação do ensino. Em consequência dos drásticos e sucessivos cortes de verbas, são inúmeras as universidades e as escolas que se vêem forçadas a paralizar total ou parcialmente suas atividades, reduzindo programas, sustando a aquisição de material didático ou estacionando obras a meio caminho. Mesmo em São Paulo, há casos de faculdades que atrasam em 2 anos o pagamento de seus funcionários ou que utilizam barracões improvisados e precários como salas de aula. As professôras primárias, em certas regiões, ganham em média ₢ 12,00 mensais (no Piauí, ₢ 6,50), enquanto que no curso superior, o salário dos professôres é geralmente inferior ao de um agente de polícia. Em resumo, com sua política antipopular e desastrosa, de psicose repressiva e malbaratamento dos dinheiros públicos, os militares fascistas provocam um estado de caos completo no ensino.

As consequências nefastas que, face a essa realidade, recaem sôbre as massas populares não se limitam ao rebaixamento da qualidade dos cursos. Principalmente, processa-se uma brutal redução das oportunidades de estudo. É essa aliás, uma tônica na política educacional da ditadura. Empenha-se a camarilha militar no mister de instituir no país um sistema de ensino tìpicamente seletivo, com o fechamento ainda maior das portas das escolas à grande massa da juventude, mediante a criação de inúmeros obstáculos, principalmente econômicos. Em conjugação com os cortes de verbas para a educação, acelera o processo de privatização do ensino e de transformação das universidades estatais em fundações particulares. Hoje, a própria Constituição Federal estabelece a obrigatoriedade da cobrança de taxas e anuidades nas escolas públicas, excluídas, naturalmente, as academias militares e de polícia. Ao mesmo tempo, suprime outras importantes conquistas dos estudantes, tais como o direito à moradia e a refeições a baixo preço. Por sua vez, o preço do livro e de outros materiais didáticos, elevando-se sem cessar, torna-se cada vez mais proibitivo à bolsa do povo. De seu lado, o vestibular,símbolo do ensino seletivo, antepõe-se aos estudantes como uma barreira a cada ano mais difícil de transpor, eliminando pela raiz as esperanças de milhares e milhares de jovens. O irrisório aumento de vagas nas escolas superiores,longe de satisfazer as necessidades de uma população em crescimento, provoca o aumento, de ano para ano, dos chamados "excedentes".

Tudo isso se torna pior porque, sob a égide da política de privatização, expande-se escandalosamente a comercialização do ensino. Proliferam as escolas, cursos e universidades que, em atendimento a fins meramente lucrativos, extorquem dos alunos elevadas mensalidades, embora ofereçam,em geral, precárias condições pedagógicas. Nessas casas de negócio, os preços variam entre ₢ 800,00 e ₢ 1.600,00 anuais, no curso secundário, atingindo, em certos casos, a cifra de ₢ 4.800,00 no curso superior. Nessas condições, só pode estudar quem disponha de elevadas rendas. O acesso às escolas torna-se um privilégio de uma elite cada vez mais restrita, onde predominam os filhos dos latifundiários, da grande burguesia e os elementos da casta militar a serviço do imperialismo norte-americano.

Como se vê, não será pelas mãos dos militares que o ensino será melhorado. À luz dos fatos, põe-se a nu o caráter reacionário da política educacional da ditadura, bem como a farsa que representa a propaganda governamental. Evidencia-se o significado fraudulento de campanhas como o chamado Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), hipòcritamente apresentado pelo carrasco Médici como a "garantia da rápida erradicação do analfabetismo". O povo brasileiro já está farto dêsse tipo de "providência milagrosa" dos governantes à cata de popularidade. Ora, mesmo entre os jovens que conseguem concluir o curso superior aumenta o número dos que não conseguem empregar-se. Calcula-se, por exemplo, que em São Paulo, "se nenhuma vaga fôr criada nas faculdades, haverá, no fim da década de 70, quase o dôbro de engenheiros de que a região necessita" (CREA - O Estado de São Paulo, 1.9.70). O regime atual não oferece nenhuma perspectiva à juventude.

Tampouco é essa a pretensão da camarilha militar. O que a obseca é o desejo insaciável de bem servir ao seu amo imperialista. Com êsse fim, obs-

mais profundos do povo brasileiro. Tanto assim que, como ocorre nos demais setores da vida nacional, entrega o ensino e a cultura ao contrôle direto e total dos agentes ianques, ao prêço de graves consequências para as massas e para o futuro do país. Intensificam a aplicação dos acordos MEC-USAID, o que é facilitado pelo aumento da repressão nas escolas e pelo agravamento da crise material do ensino. Permitem que os agentes ianques atuem na administração federal e exerçam no MEC o papel de super-ministros. Dando alento às fundações privadas, introduzem representantes de grandes emprêsas capitalistas nos órgãos de administração colegiada das instituições educacionais. Além disso, para efeito da integração universidade-indústria, suprimem a pesquisa científica básica voltada para os interêsses do país e reformulam os currículos escolares, imprimindo ao ensino uma orientação voltada para a formação de meros operadores da tecnologia norte-americana que se transfere em larga escala para o Brasil.

Os países revisionistas, em particular a União Soviética, dão significativa ajuda a essa política da ditadura militar, ao fornecer material de ensino, microscópios e outros equipamentos. É tão importante essa colaboração que mereceu elogios do ditador Médici em sua última Mensagem ao Congresso.

Como se vê, é calamitosa a situação do ensino. Seus velhos problemas mantêm-se de pé e clamam por solução. Continuam baixíssimos os padrões culturais do país. O analfabetismo, a ignorância e a falta de capacitação técnica são chagas que se estendem à grande maioria da população brasileira. A política educacional da ditadura vem contribuindo para agravar essa situação, na medida em que visa, fundamentalmente, satisfazer os interêsses das oligarquias dominantes e do imperialismo norte-americano. O objetivo perseguido pelo govêrno militar de Garrastazu é completar a implantação dessa política em todos os níveis de ensino, o que cria uma situação de caos generalizado.

Justifica-se assim, plenamente, a luta dos estudantes por seus direitos. Sòmente com a revolução, o povo brasileiro poderá assegurar seu progresso cultural e conquistar uma vida nova de bem-estar e felicidade.

NIXON, GROMYKO E A INDOCHINA

Encontraram-se o chefe do govêrno ianque e o ministro do Exterior soviético. As conversações, como era de se esperar, foram cordiais e ambos saíram satisfeitos. Entre os assuntos tratados figurou, além do Oriente Médio, a nova "proposta de paz" de Nixon para a Indochina. A nova proposta dos EEUU visa, por uma parte, carrear alguns votos para o Partido Republicano e, por outra, legalizar a intervenção norte-americana no sudeste asiático.

Derrotados pelos povos da Indochina e repudiados em tôda parte, os imperialistas ianques recorrem à ajuda de seus cúmplices revisionistas. Sejam, no entanto, quais forem seus manejos, os imperialistas e os revisionistas terão seus esforços frustrados. Os povos da Indochina não se deixam enganar e exigem a retirada total e imediata de tôdas as tropas estrangeiras.

<u>A verdadeira</u>... (conclusão) - Como enfrentam dificuldades em outras partes do mundo, inclusive em seu próprio país, os imperialistas ianques apelam para seus serviçais. E, nesse sentido, a ditadura militar-fascista do Brasil se afana em demonstrar sua fidelidade ao amo imperialista. Daí as afirmativas de que no plano continental"...será o Brasil que terá que arcar com a responsabilidade principal, procedendo a uma afirmação nacional com vigor suficiente para impor respeito", como escreveu um jornal conhecido como porta-voz da embaixada ianque. A ação repressiva das Fôrças Armadas brasileiras, segundo os escribas da reação, se deveria a que não há mais fronteiras físicas no Continente, mas "fronteiras ideológicas e políticas" que oporiam o Brasil às nações hispano-americanas. Quando muito, os generais brasileiros concederiam a seus colegas argentinos o papel de auxiliares de gendarme. A megalomania toma conta dos arraiais dos militares no Poder. Desarquivam, às pressas, os velhos mas nunca abandonados planos para a criação da FIP. Os corrompidos e covardes militares brasileiros e uns poucos políticos fascistas, enchem-se de "brios patrióticos", exigem "medidas de segurança" e rápida ação para acabar com o que denominam "infiltração comunista" no Continente.

Mas, sejam quais forem as medidas que os monopolistas ianques e seus lacaios venham a adotar, não poderão impedir o desenvolvimento das ações revolucionárias dos povos latino-americanos. A causa pela qual se batem é justa e será fatalmente vitoriosa. Nem a repressão violenta, nem as reformas enganosas, poderão desviar os povos do caminho da revolução. No curso dos combates, os povos do Continente forjarão os instrumentos capazes de levá-los

IMPORTANTE LIÇÃO

Os acontecimentos do Oriente Médio, e sobretudo as matanças de palestinos na Jordânia e em outros países, constituem preciosos ensinamentos para todos os povos do mundo, em particular para os povos árabes. À medida que se aprofunda e se amplia a luta revolucionária, as fôrças políticas nessa região são obrigadas a se definirem e revelar suas verdadeiras intenções. As massas populares, baseadas em sua própria experiência, vêem mais claramente quem são os seus amigos e quem são os seus inimigos, com quem podem contar e a quem devem combater, bem como, pouco a pouco, vão encontrando o justo caminho a trilhar em busca da vitória.

Os povos árabes compreendem, com mais profundidade, que não podem contar com a propalada ajuda da União Soviética. É cada dia mais evidente que o fornecimento de armas soviéticas aos governos da região, em particular ao do Egito, não constitui uma ajuda verdadeira à luta dos povos árabes. Além de obter lucros fabulosos com êsse comércio sujo, a União Soviética realiza uma política de chantagem com vistas a negociar com o imperialismo norte-americano. Ao mesmo tempo, enviando seus "técnicos" para operar as armas fornecidas, reforça seu contrôle sôbre as fôrças armadas dos países árabes, cobertura às enormes inversões de capital que realiza no Oriente Médio. A "ajuda" soviética é, na realidade, uma nova forma de colonialismo posta em prática pelos novos tzares do Crêmlin.

Os revisionistas soviéticos que usurparam o poder na pátria de Lênin colaboram abertamente com os Estados Unidos para dividir os povos árabes. O "Plano Rogers", imposto à fôrça a inúmeros governos da região, nada mais é que o fruto do conluio soviético-norte-americano. Os social-imperialistas soviéticos não vacilam em organizar ou apoiar ataques armados contra os guerrilheiros que se negam a aceitar e denunciam como capitulação vergonhosa a chamada "solução política" para o conflito árabe-israelense. Chegaram à infâmia de, por ocasião da matança de palestinos organizada na Jordânia, oporem-se pùblicamente à possível ajuda que alguns governos poderiam ter prestado aos guerrilheiros e a proporem aos Estados Unidos a constituição de tropa conjunta das duas "superpotências" para manter a ordem no Oriente Médio.

Para combater o imperialismo e o sionismo, os povos árabes não podem contar com a União Soviética. Vão compreendendo, pouco a pouco, que é necessário lutar simultâneamente contra os agressores israelenses, os imperialistas norte-americanos e seus cúmplices soviéticos.

Os fatos revelam, também, que os povos não podem confiar a direção do movimento de libertação à burguesia conciliadora que ocupa governos de países do Oriente Médio. A luta só se aprofundará, se ampliará e se radicalizará à medida em que nela predominem os interêsses dos trabalhadores da cidade e do campo. Govêrnos árabes, que se auto-intitulam antiimperialistas, assistiram impassíveis ou mesmo apoiaram o banho de sangue organizado pelo rei Hussein. Muitos dêles chegaram a reprimir violentamente, em seus próprios países, as manifestações populares de solidariedade aos "fedaiins" e de protesto contra o assassinato em massa de homens, mulheres e crianças levado a cabo pelo reacionário exército jordaniano, sob os aplausos dos governos de Israel e dos Estados Unidos.

À base das lições extraídas da própria experiência, os povos árabes se preparam melhor para enfrentar seus inimigos. Gesta-se uma nova polarização de fôrças no Oriente Médio e se vislumbra um nôvo ascenso, em nível mais alto, do movimento revolucionário. Sejam quais forem as vicissitudes pelas quais tenha que passar, a revolução triunfará. Os povos árabes se unem cada vez mais estreitamente em tôrno de seus verdadeiros líderes. Contam com a solidariedade ativa do movimento revolucionário mundial. Os povos da China e da Albânia estendem suas mãos solidárias e fraternas aos que combatem o imperialismo, o revisionismo e a reação. Assimilando sua própria experiência e temperando-se nos combates, os povos árabes triunfarão sôbre seus opressores e explo

ESTUDANTES OBTÊM ÊXITOS NA LUTA POR RESTAURANTE

Durante 37 dias, nos meses de setembro e outubro, os estudantes guanabarinos deixaram de fazer refeições no restaurante da Praia Vermelha, protestando contra o aumento exorbitante de preços (de 2oo para 1.ooo cruzeiros velhos). A ditadura pretende, ainda, demolir um dos restaurantes estudantís que fechou, para construir em seu lugar uma piscina para os oficiais da marinha.

Diante da revolta que tais medidas provocou, a ditadura tentou de várias formas impedir a justa luta dos estudantes cariocas. Colocou guardas armados no pátio da Universidade. Pressionou para que os estudantes não se reunissem e debatessem suas reivindicações. Agentes do DOPS andavam ostensivamente pelo local. Ameaças de punição foram feitas aos estudantes. Os dirigentes da Universidade chegaram ao ponto de tentarem proibir que os estudantes servissem refeições que êles mesmos haviam preparado. A disposição de luta e a unidade existentes, no entanto, puseram por terra essas medidas e possibilitaram a ampliação do movimento, com a adesão dos funcionários da Universidade, que também se utilizam do restaurante, e a solidariedade da população, que forneceu recursos para o preparo de refeições.

Grandes foram os êxitos desta luta e, também, úteis são seus ensinamentos. Em primeiro lugar, mais uma vez foi desmascarada a hipocrisia do coronel Passarinho, atual ministro da Educação. Fala em "diálogo" com os estudantes, diz estar disposto a atender as reivindicações estudantis, mas apoiou o aumento dos preços das refeições. Ao negar-se a atender as reivindicações estudantis, o coronel-ministro ficou ainda mais desmascarado. Também os oportunistas que atuam no movimento estudantil, e que desde o início do movimento defendiam a realização de conchavos com o ministro da Educação e preconizavam o "diálogo" como forma de luta, ficaram completamente desmoralizados. Isolaram-se da massa estudantil a tal ponto que esta os vaiou nas oportunidades em que pregavam a conciliação com a ditadura.

Em segundo lugar, o movimento contra a elevação do preço das refeições demonstrou que a ditadura, mesmo lançando mão do terror e da intimidação, não consegue evitar as lutas populares, que retomam a iniciativa. Dezenas de diretórios foram fechados na GB. Vários líderes estudantís foram presos, espancados e torturados, além de terem sido sumàriamente afastados da Universidade. A ocupação policial das faculdades tornou-se um fato comum. A vitória dos estudantes, após tôdas essas "providências acauteladoras" do govêrno, contribuiu enormemente para elevar a confiança da massa estudantil em suas próprias fôrças e demonstra não terem razão, tampouco, aquêles que preconizam uma tática defensiva face à ditadura. Adotando justas palavras-de-ordem e utilizando corretas formas de luta e de organização, o movimento estudantil pode enfrentar com êxito a repressão policial.

Finalmente, com a luta travada na Praia Vermelha, estreitou-se mais ainda a unidade dos estudantes e elevou-se sua capacidade de organização. Intensos debates foram travados nas turmas, denunciando as arbitrariedades da ditadura. Milhares de volantes foram distribuídos. Dentro da própria Universidade, foram feitas inscrições com dizeres referentes aos objetivos da luta. Essa mobilização tornou os estudantes mais unidos e organizados.

Tendo em vista retomar a luta com mais vigor em futuro próximo, os estudantes cariocas tomaram a iniciativa de suspender temporàriamente seu movimento. Compreendem que suas reivindicações só podem ser totalmente satisfeitas numa luta longa e árdua, com a derrubada da ditadura e do regime atuais. Preparam-se melhor para enfrentar em condições favoráveis as novas investidas dos governantes e dar sua contribuição à luta geral do povo contra a ditadura militar-fascista e o imperialismo norte-americano.

PIQUÊTE: Nôvo crime dos militares

Onze operários mortos, mais de uma centena de feridos, muitos dos quais em estado grave, eis o saldo da explosão ocorrida no último dia 22 de outubro, na fábrica de material bélico do Exército, no Vale do Paraíba. Êste não é o primeiro acidente fatal que se dá naquele estabelecimento militar. Em inquéritos realizados por ocasião de outras explosões, ficou constatado que a causa dos acidentes foi a falta de segurança na manipulação do material ali produzido. Preocupados em armar-se até os dentes, os militares exigem sempre mais produção, mesmo que isto custe a vida de inúmeros trabalhadores. São criminosos frios, que não se detêm diante de nada. No entêrro dos companheiros, os operários manifestaram sua

LUTAM OS CAMPONESES DA BAHIA

Recentemente, no interior da Bahia, várias centenas de posseiros, unidos, levantaram-se em luta contra a ameaça dos grileiros de expulsá-los de suas terras. Ante a investida de um contingente policial, em meio a violências contra suas famílias, os lavradores internaram-se nas matas, dispostos a resistir de armas na mão. Num primeiro confronto, armaram uma emboscada e liquidaram 2 soldados e o próprio sargento-comandante da fôrça policial. Face a nova surtida da tropa, cercaram-na e só não enforcaram o nôvo comandante em atendimento às súplicas de um sacerdote. Valendo-se da trégua momentânea, a polícia e os jagunços assassinaram com mais de 200 tiros dois camponeses que julgavam serem os cabeças da resistência. Ao mesmo tempo, providenciaram o aumen dos efetivos das fôrças de repressão. Tudo em vão, pois a luta continuou. Não conseguindo êxitos com a violência, os grileiros e o govêrno apelaram para a surrada tática do engôdo e da mentira. Afastaram o comandante odiado, ofereceram títulos de posse e fizeram promessas de compra das terras ocupadas pelos camponeses. Assim, esperavam acabar com a luta. Não se iludindo, os posseiros mantêm-se vigilantes e imprimem maior vigor à sua resistência.

Não é êsse um fato isolado. Também na região cacaueira, os trabalhadores agrícolas se mobilizam contra a exploração dos latifundiários. Exigem o aumento de seus salários e melhores condições de vida. Realizam greves parciais em diversas fazendas. Através da luta, conseguiram acabar com o infame regime do "barracão" em algumas propriedades. Com a pequena colheita dêsse ano, aumentou o desemprego, se intensificou a exploração dos assalariados. A carestia de vida se abate mais forte, como uma praga destruidora. A fome ronda os lares camponeses. Assim, a perspectiva de lutas é ainda maior. Aliás, quando os patrões despedem injustamente trabalhadores, outros se mobilizam para defendê-los, como ocorreu há pouco em uma fazenda da região.

Como demonstram os fatos, a Bahia não é um "oásis de paz e progresso" como a ditadura apregoa. Ao contrário, agravam-se as contradições de classe. Os velhos males do regime avolumam-se. A reação procura reprimir violentamente qualquer protesto popular. Mas tudo será em vão. As massas populares se dispõem cada vez mais a lutar. E lutam.

POVO CARIOCA DEFENDE SEUS DIREITOS

Rio de Janeiro (do correspondente)

O povo carioca vem exigindo respeito a seus direitos e defende valentemente suas reivindicações. Os trabalhadores, mais atingidos pela elevação do custo-de-vida, respondem à política de esfomeamento da ditadura com a intensificação de suas lutas. Metalúrgicos, bancários, funcionários das financeiras, radialistas, rodoviários, empregados na indústria de plásticos e outras categorias profissionais exigem aumento de 30% em seus salários. A elevação do custo das utilidades é superior ao reivindicado mas, mesmo assim, a ditadura fixou o reajuste máximo em 23,17%. Os trabalhadores vêm realizando assembléias com vistas a obter dos patrões aumento mais elevado que o teto fixado. Comissões de salários e conselhos sindicais são organizados nas emprêsas para impulsionar a campanha salarial.

Em alguns setores profissionais, na construção civil, por exemplo, os trabalhadores têm ido à greve por seus direitos. Os empregados da "Ribeiro Franco Engenharia e Construções S/A", neste ano, já realizaram 3 greves pelo pagamento de seus salários atrazados. Algumas vitórias foram obtidas, inclusive que os patrões não descontassem os dias em que estiveram parados.

Enquanto os motoristas lutam contra a "indústria das multas" instituída pelo govêrno, e que já rendeu perto de 15 milhões de cruzeiros aos cofres públicos, de setembro de 1969 a julho de 1970, dinheiro retirado dos bolsos magros dos trabalhadores, os empregados da TV-Excelsior, com apoio do Sindicato dos Radialistas, batalham para defender seus direitos. Os 254 empregados dêsse canal de televisão cassado pelo govêrno exigem a penhora dos bens da emprêsa a fim de receberem seus salários atrasados desde outubro do ano passado e as indenizações a que têm direito.

Os favelados, por seu turno, prosseguem protestando contra as remoções forçadas para os conjuntos construídos pelo BNH. Como as prestações cobradas pelas habitações são elevadas, negam-se a pagá-las e se organizam em grupos de 100 para resistirem coletivamente às ações de despejo que lhes são movidas. Ao reiniciar suas lutas por melhores salários e condições de vida mais condignas, os trabalhadores e o povo cariocas unem-se a todo o povo brasileiro na grande batalha contra a ditadura militar. Nos combates, apri-

FLAGELADOS EXIGEM COMIDA e TRABALHO

Nos primeiros dias de outubro, mais de 1.500 flagelados invadiram a cidade de Quixeramobim, no Ceará, saquearam o comércio e permaneceram concentrados nos arredores, ameaçando repetir o feito caso não lhes fôsse dado trabalho com que sustentar a si e às suas famílias. No município de Catarina foi invadido o prédio da Prefeitura e saqueado o comércio local, de onde os flagelados levaram arroz, feijão, farinha e rapadura. Em Acopiara, cêrca de mil camponeses concentrados nas proximidades da cidade ameaçam invadir o super-mercado da COBAL e o comércio, em busca de comida. Canindé foi invadida, dia 14, por um milhar de flagelados que exigiam emprêgo nas frentes de trabalho. Para evitar o saque do comércio, o prefeito mandou distribuir gêneros alimentícios aos camponeses.

Êsses são apenas alguns fatos que demonstram que se esgota a paciência dos flagelados ante a incapacidade e a demagogia do govêrno, que se alarma diante da amplitude do movimento de protesto. É nêsse estado que se encontram, segundo o "Jornal do Brasil", os dirigentes do Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas ante o largo emprêgo dêsse mais nôvo método de pressão usado pelos camponeses famintos do Ceará. E a tendência é para piorar a situação dos flagelados e, como conseqüência, ampliarem-se as ações. A safra de algodão, reduzida a apenas 30% do normal, já foi concluída, deixando grande quantidade de trabalhadores desocupados. A êstes não resta sequer o recurso aos miseráveis dois cruzeiros pagos nas frentes de trabalho pela SUDENE, pois já não há mais vagas. E os próprios trabalhadores das frentes já demonstram descontentamento com os baixos salários e o mal tratamento de que são vítimas por parte dos militares. Protestos e até greves se manifestam nas construções de rodovias e açudes.

Aos camponeses sem terras e sem trabalho só resta o recurso de buscar alimentos nos armazéns e depósitos do govêrno e dos açambarcadores, já que a promessa de "levar comida a quem tem fome", feita em junho próximo passado pelo ditador Médici, não passou de mais uma tirada demagógica do general-presidente.

A ditadura e seus prepostos nos Estados atingidos pela sêca, apesar de alarmados, agem cinicamente ante a desgraça dos camponeses. O governador de Pernambuco, por exemplo, enviou dezenas de bolas de futebol para as frentes de trabalho do Alto Sertão, "para levantar a moral dos flagelados", ato apoiado pelo superintendente da SUDENE sob o argumento de que as bolas "farão com que os flagelados esqueçam os seus sofrimentos". Mais realista, o bispo de Afogados de Ingazeira não acredita que as bolas de futebol possuam tais virtudes. As necessidades dos flagelados são outras, afirma o prelado. Eles passam fome nas frentes de trabalho, desmaiam de inanição. A diária que recebem, de dois cruzeiros, não dá para um quilo de feijão.

Ademais, como consequência da miséria, da promiscuidade e da falta de higiene (há flagelados bebendo lama, à falta de água e comida...), grassam as doenças nas frentes de trabalho. Além dos surtos de gripe que já há tempos vêm fazendo vítimas, começam a alastrar-se o sarampo e a varíola, e o tifo fêz sua aparição.

Tal é a situação dos flagelados, cinco meses depois que o ditador Médici encerrou, na Conferência da SUDENE, no Recife, a visita que fêz aos Estados atingidos pela sêca e prometeu "providências urgentes". Na ocasião, falando como se pela primeira vez tomasse conhecimento de que há sêca, periòdicamente, no Nordeste, o ditador disse que ".... o Chefe da Nação não pode compreender a existência de compatriotas seus sobrevivendo em condições tão precárias. Não, não me conformo. Isto, não pode continuar". "Agora é levar comida a quem tem fome, com abastecimento de gêneros essenciais à área atingida". Lágrimas de crocodilo que, no entanto, não iludem a ninguém, muito menos aos flagelados que compreendem que quem tem fome deve buscar os alimentos onde êles se encontram.

À medida que a vida desmascara a ditadura, nos camponeses amadurece a consciência de que só podem confiar em suas próprias fôrças e que se torna indispensável organizar-se e lutar para derrocar a ditadura